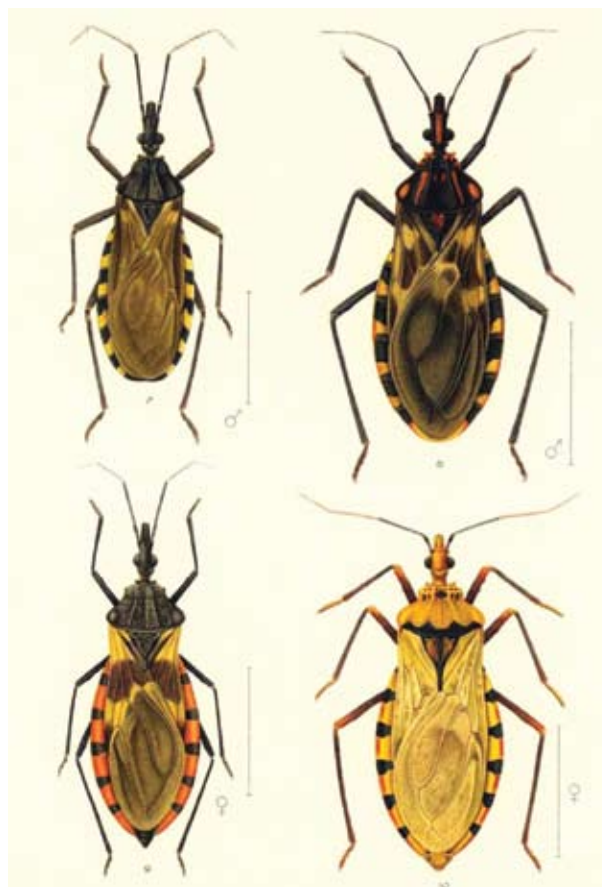


Quem gosta de uma boa tigela de açaí com fatias de banana e cereal talvez prefira não pensar por onde as frutas andaram. Um estudo liderado por Aglaêr Nóbrega, do Ministério da Saúde, mostrou que os coquinhos arroxeados podem transmitir o *Trypanosoma cruzi*, parasita causador da doença de Chagas (*Emerging Infectious Diseases*). A doença costuma ser transmitida pelo inseto barbeiro e se manifesta de maneira crônica. Mas quando por acidente as fezes infectadas do barbeiro são trituradas junto com os cocos do açaí, entra em ação a forma aguda, mais letal, que em 2006 atacou 178 pessoas no Pará. O grupo coordenado por Aglaêr analisou o sangue de 11 pessoas infectadas no município paraense de Barcarena durante o surto de 2006 e verificou que a contaminação aconteceu durante uma refeição com açaí. O estudo é um passo no sentido de identificar fontes de infecção e traçar medidas para evitar que alimentos importantes, como é o caso do açaí na região amazônica, se tornem um risco. Fora da Amazônia a polpa já chega congelada, mas ainda é cedo para relaxar: não se sabe se o congelamento mata os parasitas.

PERIGO NA TIGELA



Barbeiros: vetores da doença de Chagas

MANOEL DE CASTRO SILVA

> Leite para proteger bebês

Mães com males como a imunodeficiência comum variável, doença genética que acomete uma em cada 25 mil pessoas, devem amamentar, porque o leite protegerá os bebês. Embora sem anticorpos – que elas

não produzem –, amostras de leite de duas mães impediram a proliferação de um tipo de bactéria em células humanas cultivadas em laboratório, de acordo com um estudo realizado por Patrícia Palmeira, da Universidade de São Paulo (USP), com colegas da Universidade Federal

de São Paulo (Unifesp) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). Segundo Magda Carneiro-Sampaio, da Faculdade de Medicina da USP, que coordenou o estudo, a atividade antibacteriana pode ser explicada por outros mecanismos, como o conjunto de células e proteínas de defesa que cada pessoa tem de nascença. O trabalho mostrou também que a placenta pode transmitir para o bebê anticorpos que a mãe recebeu em medicamentos (*Pediatric Allergy and Immunology*).

> Menos mortes pelo coração

As mortes causadas por doenças cardiovasculares estão se tornando menos frequentes. Cintia Curioni, do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenou um levantamento que verificou que, de 1980 a 2003, em todo o país e todas as faixas de idade, a mortalidade causada por doenças cardiovasculares caiu de 287,3 para 161,9 para cada grupo de 100 mil habitantes (*Revista Panamericana de Salud Publica*). A taxa de mortes por enfarte foi a que mais caiu, seguida de doenças coronarianas. Nas próximas décadas, porém, a perspectiva é de que o número de mortes por doenças cardiovasculares volte a crescer, já que a magnitude do declínio registrado nesses 24 anos varia de acordo com as diferenças socioeconômicas regionais.

> Óleo na Amazônia

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, anunciou no mês passado que as plantações de dendê poderão ocupar 10 milhões de hectares na Amazônia, uma área equivalente à do estado de Pernambuco. Se por um lado existe a possibilidade de geração de empregos, da ordem de 100 mil para cada 1 milhão de

hectares plantados, por outro a possibilidade de impactos ambientais também parece clara, como resultado da rápida expansão das plantações de dendê na Amazônia. Rhett Butler, da organização ecologista Mongabay.com, e William Laurance, do Instituto de Pesquisa Tropical Smithsonian, avisam que as plantações de dendê são ecologicamente pobres, com pouca diversidade biológica, e poderão avançar sobre florestas primárias, já que os lucros obtidos com a venda de madeira ajudariam os proprietários rurais a atravessar os anos em que os dendezeiros ainda não geram renda (*Tropical Conservation Science*). Uma mudança no Código Florestal permitiria que os dendezeiros ocupassem apenas áreas já desmatadas. A lei proíbe o cultivo de plantas que não sejam nativas da região.

> **Voos nas alturas**

Quem passeia por florestas andinas facilmente vê voejarem asas transparentes com manchas vermelhas e desenhos pretos. São as borboletas da subfamília



MARIANNE ELIAS



FLORA BRASILIENSIS

Dendê: plantações ameaçam floresta

dos itomiíneos, que com a coloração típica anunciam sua toxicidade a potenciais predadores. Em busca de entender a origem e história da diversificação dessas borboletas comuns no Brasil, a francesa Marianne Elias, do Imperial College de Londres, reavaliou a classificação desses belos insetos voadores. Publicado em abril na *Molecular Ecology*, o trabalho contou com a colaboração de André Freitas e Karina Silva-Brandão, da Unicamp. Os resultados mostram que as borboletas dos gêneros *Ithomia* e *Napeogenes* surgiram nos Andes e começaram a se diversificar há cerca de 15 milhões de anos, quando a

Napeogenes sylphis: origens desvendadas

cordilheira já tinha passado dos mil metros (entre 30% e 50% da elevação atual). À medida que as montanhas se ergueram, surgiram novos ambientes e populações de borboletas ficaram isoladas umas das outras: um cenário propício para a diversificação. E não ficaram por ali. Nos últimos 7 milhões de anos as borboletas transparentes chegaram à Mata Atlântica. Hoje mais de 360 espécies delas povoam boa parte dos trópicos sul-americanos.

Quando as mãos de uma pessoa são amputadas, o cérebro se reorganiza para ajustar sensibilidades e movimentos ao que realmente existe. As representações cerebrais dos nervos que chegam aos músculos preservados se expandem e invadem partes do córtex motor primário antes dedicadas às mãos. Um grupo da Universidade de Lyon, na França, estudou dois pacientes que receberam transplante das duas mãos e verificou que pode demorar mais de dois anos, mas aos poucos o córtex motor se reprograma para recuperar movimentos finos. A neurofisiologista Claudia Vargas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participou do trabalho junto com a doutoranda Erika Rodrigues (PNAS). Com um aparelho de estimulação magnética transcraniana, os pesquisadores examinaram a atividade do cérebro de um dos pacientes, de 20 anos, 11 meses antes do implante e quatro vezes até 26 meses depois. O segundo, de 42 anos, só foi testado pouco mais de quatro anos após a cirurgia.

No mapa: cérebro reconhece mãos



MIGUEL BOYAVAN